

Entrevista com Marion Minerbo¹

Marion Minerbo

Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Graduada em Medicina pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (1980) e doutora pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). É autora dos livros *Diálogos sobre a clínica psicanalítica* (Blucher, 2016), *Novos diálogos sobre a clínica psicanalítica* (Blucher, 2019) e *Neurose e não neurose* (Blucher, 2019), *Transferência e Contratransferência* (Blucher, 2020), *A Posteriori, um percurso* (Blucher, 2020) e de dezenas de artigos publicados em revistas nacionais e internacionais. Em 2015, recebeu o prêmio Durval Marcondes no XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise.

Gostaríamos de salientar nossa satisfação pela oportunidade desta entrevista concedida por Marion Minerbo à Psicanálise — Revista da SBPdePA. Tem sido um privilégio assistir às conferências de Marion em Jornadas, Congressos ou Podcasts. Sua fala e sua escrita se caracterizam pela clareza e pela comunicação ricas e acessíveis. Como poucos, Marion é capaz de abordar temas complexos da teoria psicanalítica e generosamente dividi-los conosco, com sua compreensão e criatividade.

Revista: Gostaríamos de saber como foi seu encontro com a Psicanálise, como começou o interesse e seu desenvolvimento na área?

Marion Minerbo: Primeiro, obrigada pelo convite. Muito honrada em ser entrevistada por vocês.

Me lembro que na faculdade de medicina, quando passávamos visita em torno do leito de um paciente, em vez de prestar atenção na discussão clínica, eu ficava imaginando como ele se sentiria ao ser examinado por dez alunos, e ao ouvir palavras incompreensíveis sendo ditas sobre seu corpo e sua doença como se ele

¹ Entrevista gentilmente concedida por e-mail. As perguntas foram elaboradas por Sandra Gehling Bertoldi e Patricia Rivoire Menelli Goldfeld.

não estivesse lá. Nessa época, minha mãe (Viviana Minerbo) estava em formação na SBPSP e sua transferência com a psicanálise era muito forte. Seu analista didata, “Isaías, o Grande”, como o chamávamos em casa (Isaías Melsohn), era figura constante à nossa mesa de jantar. Quando me formei, ganhei dela as obras completas de Freud. Achei fascinante descobrir o nascimento da psicanálise e as primeiras teorias sobre o funcionamento mental. E nisso eu já estava na minha primeira análise. Juntando tudo, tinha que ser psicanálise, né?

Revista: Quais os autores que mais a influenciaram?

Marion Minerbo: Na década de 80, durante minha formação, Klein e Bion eram os autores de referência, e a sociedade se dividia em duas “tribos”: kleinianos e bionianos. Pelo jogo de transferências, os jovens acabavam se filiando a uma delas. Mas na instituição, minha transferência era com Fabio Herrmann, que era crítico desse funcionamento institucional. Ele entendia que isso gerava sintomas tais como incomunicabilidade e disputas fraticidas desnecessárias, já que nenhuma teoria abarca tudo, e todas têm sua contribuição a dar. Essas ideias faziam sentido para mim em função de minha própria história: por ser filha de imigrantes, fui subjetivada simultaneamente em duas culturas, falando duas línguas. Por isso, desde muito cedo nunca conseguiria rezar por uma única cartilha. Portanto, Fabio Herrmann foi um autor importante para formar o “arcabouço epistemológico” de minha identidade psicanalítica. Sempre estudei, mas relativizando as teorias, isto é, reconhecendo seu alcance, e também seus limites.

Outro autor importante foi Roussillon. Ele fez contribuições relevantes no campo da psicopatologia psicanalítica (o sofrimento narcísico-identitário). Mas para mim o mais importante é o que ele chama de “metapsicologia dos processos psíquicos”. Muitos dos processos que eram pensados de maneira solipsista ganham operacionalidade clínica quando são “transicionalizados” (o termo é dele). Explico com um exemplo.

Frente a um paciente que se comporta como se fosse o centro do mundo, é comum dizermos que ele “não conseguiu fazer o luto pelo narcisismo primário”. Essa é uma formulação solipsista, pois supõe que o sujeito teria que dar um jeito de fazer esse luto sozinho. A tentação é dizer algo como “Aceite a realidade, você não é o centro do mundo!”. Mas, como sabemos, a saída do narcisismo primário é um processo. E, como todos os processos psíquicos, este também se dá no seio de um ambiente que pode ajudar, ou atrapalhar.

Portanto, quando escutamos um paciente com essa problemática, *temos que nos perguntar de que jeito o objeto primário não ajudou, ou atrapalhou, este processo*. Foi isso que aprendi com Roussillon. Aprendi que uma formulação

não solipsista seria: o sujeito se constituiu junto a um objeto que, *em função de seu próprio inconsciente*, não conseguiu criar as condições necessárias para que o sujeito conseguisse realizar o processo de luto de seu narcisismo primário.

A metapsicologia dos processos descreve o passo a passo das respostas do ambiente que ajudam o sujeito a realizar a parte que lhe cabe em termos de trabalho psíquico — qualquer trabalho psíquico. Esses aportes me tornaram mais capaz de reconhecer na clínica a natureza do enrosco da criança-no-adulto com seu objeto primário.

Revista: E fora da Psicanálise, pode nos dizer que autor tem lido?

Marion Minerbo: Tenho lido de maneira errática. Ouço podcasts e assisto a vídeos no YouTube. Gostei de uma série de entrevistas feita por uma TV holandesa chamada *Beauty and Consolation* (O belo e a consolação). Entrevistam grandes personalidades de diversas áreas em torno dessa questão: *Onde encontram consolo para as dores da vida? A beleza é um consolo para artistas, historiadores, filósofos, escritores, físicos, matemáticos, etc?* (a lista de entrevistados é enorme). Comecei a ler *Lolita*, de Nabokov, porque o grande filósofo Richard Rorty disse, numa dessas entrevistas, que tem inveja do talento de Nabokov. E que adoraria ter escrito pelo menos um dos maravilhosos parágrafos de *Lolita*, livro que ele já leu mil vezes. A gente idealiza esses grandes intelectuais, mas imaginem Rorty com inveja de Nabokov! Estou lendo também *Belo Mundo, onde você está*, de Sally Rooney, escritora de apenas 30 anos que está sendo muito lida. É um mergulho na subjetividade dessa geração.

Revista: Pontalis referia que a escrita pode transmitir algo de intimidade, dizia: “em meus livros faço emergir uma voz mais íntima, me desvelo sem me desnudar”. Como é para você a escrita?

Marion Minerbo: Para mim, escrever é um prazer e uma necessidade. É um ato erótico. E me sinto um pouco artista quando crio um texto ou desenvolvo uma ideia; sinto que coloquei um novo ser no mundo; tenho prazer quando sinto que consegui “esculpir” uma frase até ela ficar “resolvida”. A estética da clareza é importante para mim.

Mas é também uma necessidade porque só consigo pensar por escrito. Preciso reinventar a roda à minha maneira, preciso ter a experiência intelectual e emocional de criar-achar a psicanálise, e com isso me apropriar do que sou e do que sei. Claro que há um ponto de partida, sei sobre o que quero escrever, mas não o que vou escrever. O pensamento vai nascendo no diálogo com o meu interlocutor interno-externo, que é um leitor benevolente e interessado no que eu tenho a dizer.

Assim que acabei de escrever o parágrafo acima, uma colega me enviou um texto do Ogden onde encontrei o seguinte: “No próprio ato de escrever, o analista que escreve não está simplesmente criando uma obra de arte de um tipo particular de gênero literário; ele ou ela está implicado num processo de ser e de tornar-se ele mesmo ou ela mesma mais completamente” (p. 163, Cap 9 *Analytic writing as a form of fiction*, in *Coming to life in the Consulting Room*, Routledge). Adoraria ter escrito a frase acima!

Revista: Em suas obras, você costuma trazer muitos exemplos clínicos, o que torna especialmente rica a leitura de seus textos. Muitos autores temem a escrita de material clínico nos tempos atuais, discutem a confidencialidade, o sigilo e criam amarras à escrita. Como entende essa questão?

Marion Minerbo: Alguns dos exemplos são meus, mas vários são de supervisões. Isso ajuda muito, porque o material fica ainda mais anônimo. E quase sempre uso apenas fragmentos. São como fotos em close do tema que quero desenvolver e transmitir. Se você tira uma foto só do nariz, não dá para reconhecer de quem é aquele nariz. Dessa forma consigo trazer o que me interessa. Se necessário, invento a “roupa” com a qual vou vestir o fragmento clínico — invento um rosto para o “nariz”. Em algumas poucas situações, quando é realmente necessário — e quando acho que dá — peço autorização para o/a paciente.

Revista: Pode nos falar sobre a sua experiência com ensino? Como pensa a questão da transmissão em psicanálise?

Marion Minerbo: Essa é mais uma atividade apaixonante para mim. As pessoas estudam e conhecem a teoria. Mas eu acho que ela só se torna parte do *ser* do analista — parte do seu sangue, da sua carne — quando ele consegue redescobri-la, viva, na clínica. Caso contrário, temos o que costumo chamar de “dissociação teórico-clínica”. É por isso que, além de dar muita supervisão, tenho proposto, há mais de 15 anos, uma atividade que chamei de ateliê clínico. É um espaço em que a clínica é o ponto de partida para tudo: praticar a escuta analítica, a elaboração de hipóteses sobre o funcionamento psíquico, a psicopatologia psicanalítica, a compreensão do que é transferência, de como ela convoca o analista em sua contratransferência, e o que mais surgir como questão. O importante é todo mundo participar do passo a passo do processo de pensar a clínica com todos os seus percalços. É aí que a gente vê a teoria funcionando como *instrumento de trabalho*. E tudo isso tem que reverter de volta para a clínica: o/a colega que apresenta o caso tem que sentir que o caminho percorrido é realmente útil para entender “quem” é o seu paciente, “onde ele

está”, em termos de funcionamento psíquico, e que lugar ele ocupa no campo transferencial. Só depois de todo esse percurso podemos pensar nos caminhos pelos quais ele poderia conduzir o trabalho analítico.

Eu diria que, mais do que formação, é um espaço de *transformação* pessoal. Lembro de um ateliê (on-line) em que, para entender “quem era” aquele paciente, propus o exercício de “enlouquecer nossa escuta”. Foi lindo, porque lá pelas tantas a analista associou com os desenhos que o paciente lhe mostrava. Eles confirmavam a hipótese que estávamos elaborando: uma criança presa no calabouço mal-assombrado da mente do pai, que era quem funcionava como objeto primário. E dava sentido à contratransferência: com esse paciente ela se sentia presa dentro de um ambiente psíquico tóxico e mortífero. Nenhum de nós vai esquecer o que aprendemos naqueles quatro encontros.

Revista: Como tem sido a sua experiência como analista na pandemia?

Marion Minerbo: Eu já estava morando fora do Brasil. Tinha encerrado o atendimento de pacientes, mas mantido supervisões on-line. Com a pandemia, pude participar de encontros, jornadas e congressos, e passei a ser mais procurada para supervisões. Em vez de dar cursos, preferi oferecer ateliês a vários grupos do Brasil e a ideia “pegou”. De modo que, com a pandemia, abracei o estilo de vida “nômade digital”: tenho vivido em vários países, e trabalhado de um jeito que tem dado muito certo. Por enquanto pretendo continuar assim.

Revista: Você tem discutido várias questões sociais e da cultura em seu blog e artigos. Poderia comentar o atual momento sociocultural e suas repercussões na cena analítica?

Marion Minerbo: Não tenho competência para comentar o momento sociocultural. Consigo apenas supor que a polarização e a guinada à direita podem ser pensadas como movimentos defensivos contra angústias de morte ligadas ao capitalismo ultraneoliberal. As pessoas estão aterrorizadas com a possibilidade de serem excluídas do mundo dos “vivos” — pessoas que consomem, fazem e acontecem — e de se tornarem irrelevantes. O modelo é o BBB: um ganha dinheiro e fama e os outros submergem no anonimato, que é uma espécie de morte em vida. Muitas das barbaridades que vemos têm a ver com tentar sobreviver num mundo cruel e inóspito — o que só o torna mais cruel e mais inóspito.

Mas, como estamos todos metidos nesse momento, me preocupa que se perca a escuta analítica porque “sabemos” do que os pacientes estão falando quando se referem a ele. Da mesma maneira que um/uma analista feminista pode perder a escuta analítica quando o/a paciente levanta a bandeira do feminismo porque

compartilha das mesmas ideias. Quando estamos na sala de análise devemos tentar escutar o que “ser feminista”, ou “ser de direita”, ou “ser de esquerda” significa para cada um. Ou seja, o que cada um está transferindo, de seu mundo interno, para tal ou qual situação sociocultural e política. É fundamental não perder de vista que todas essas situações podem servir de suporte transferencial para tal ou qual aspecto da organização psíquica do paciente.

Revista: É comum que um psicanalista estude muito, saiba a teoria psicanalítica e ainda assim tenha dificuldade para integrar a teoria com a clínica. Esta é uma questão que você consegue articular muito bem, o que é admirável. Pode nos falar como se pode desenvolver ou ampliar essa capacidade?

Marion Minerbo: É difícil *falar sobre* como se pode desenvolver essa capacidade. É mais fácil mostrar *como se faz* ou, pelo menos, como eu faço. A formação de um analista é artesanal. É um pouco como um aprendiz de sapateiro: ele aprende o ofício frequentando o ateliê de um sapateiro mais experiente. O ideal é frequentar vários. Acho que um bom sapateiro é aquele que consegue um bom *blend* entre ciência e arte, competência e criatividade, rigor e liberdade, amor à arte e pensamento crítico.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos